



REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

**DISCURSO DE SUA EXCELÊNCIA FILIPE JACINTO NYUSI, PRESIDENTE DA REPÚBLICA DE
MOÇAMBIQUE, POR OCASIÃO DA CELEBRAÇÃO DO 45º ANIVERSÁRIO A INDEPENDÊNCIA
NACIONAL**

Maputo, 25 de Junho de 2020

Moçambicanas e Moçambicanos;

Compatriotas!

Com o lema: **“UNIDOS CONSTRUÍMOS MOÇAMBIQUE DE PAZ E DESENVOLVIMENTO”** celebramos hoje, com júbilo e orgulho, o 45º aniversário da nossa Independência.

Foi a 25 de Junho de 1975, que Moçambique nasceu, perante o mundo, como um País livre e soberano que assumiu o seu lugar no concerto das nações. Foi nesta data, num acontecimento historicamente marcante, que o Povo Moçambicano se viu livre do jugo colonial.

Temos nesta data, o repositório dos valores mais sublimes da nação moçambicana que carrega consigo um significado profundo na vida de cada moçambicano.

A nossa independência simboliza a consagração do orgulho nacional e representa o marco distintivo da nossa soberania, resultante do sacrifício dos moçambicanos.

Volvidos 45 anos, mesmo diante de vicissitudes de vária ordem, podemos afirmar que o sacrifício dos nossos heróis, para que hoje, cada moçambicano tenha identidade e usufrua da liberdade, não foi em vão!

Por esta razão, é de cabeça erguida, que saudamos a todo o Povo Moçambicano, do Rovuma ao Maputo e do Zumbo ao Índico, por ocasião da celebração desta data ímpar para a Nação Moçambicana.

Minhas Senhoras e Meus Senhores!

A cerimónia que testemunhamos, tem lugar num momento particularmente difícil da vida do nosso país e do mundo em geral, caracterizado pela eclosão da pandemia da COVID-19.

Pela primeira vez, evocamos o 25 de Junho, enquanto observamos o Estado de Emergência para melhor responder a esta pandemia. É uma situação atípica que exige de todos nós muita prudência e responsabilidade, mas acima de tudo patriotismo, pois, trata-se de proteger a vida de uma Nação construída com suor, sangue e lágrimas.

Queremos, por isso, agradecer a todos os compatriotas pelo alto sentido de civismo, manifestado durante os últimos três meses em que vigora o Estado de Emergência e, muito em particular, aos nossos irmãos profissionais de saúde, que se encontram na linha da frente, na luta contra este inimigo invisível.

É esperança de todos os moçambicanos que tal como no passado, unidos e organizados, venceremos mais esta batalha e este assunto, voltaremos a abordar dentro de dias.

Compatriotas!

Durante séculos, o sistema colonial sujeitou o nosso Povo e a nossa terra às mais desenfreadas formas de exploração da mão de obra e de recursos.

O regime colonial procurou incutir no nosso povo a submissão, promover a despersonalização, o desenraizamento, o divisionismo, o tribalismo, o racismo e o regionalismo.

Não obstante essas acções, os moçambicanos souberam sempre manter a sua resistência secular à exploração e opressão coloniais.

O sistema colonial português, tudo fez para negar ao nosso Povo o seu direito à autodeterminação e Independência. Para isso, engendrou prisões arbitrárias, assassinatos de nacionalistas e massacres de populações civis e indefesas.

Estes actos macabros não demoveram o avanço vigoroso do Povo que, de armas em punho, pôs fim à longa noite colonial de 500 anos.

Com a fundação da Frente de Libertação de Moçambique, em 1962, a vontade do Povo Moçambicano de lutar pela liberdade ganhou um novo ímpeto, fruto da materialização da Unidade Nacional.

Sob a direcção da Frente de Libertação de Moçambique, moçambicanos de todos os grupos étnicos, raças e estratos sociais uniram-se com um único propósito: libertar Moçambique do jugo colonial.

A nossa vitória sobre o ocupante estrangeiro permitiu lançar as bases para a proclamação da nossa Independência e implantação do Estado moçambicano independente e soberano.

Moçambicanas e Moçambicanos!

No ano em que celebramos o quadragésimo quinto aniversário da Independência Nacional, assinalamos, igualmente, a passagem dos 60 anos do Massacre de Mueda, e os 100 anos do nascimento do Arquitecto da Unidade Nacional, Doutor Eduardo Chivambo Mondlane.

O crime hediondo perpetrado contra o nosso povo em Mueda, a 16 de Junho de 1960, que, de forma pacífica e negociada, exigiu a Independência do regime colonial e que teve uma resposta brutal, pagando com a sua própria vida o preço da liberdade, foi mais uma prova inequívoca de que os colonos não queriam ver os moçambicanos livres.

Há cinco dias, escalámos Nwadjahane, na província de Gaza, para celebrar a passagem do centenário do nascimento do Doutor Eduardo Chivambo Mondlane. Celebramos Mondlane, o Herói da nossa luta pela liberdade que foi cobarde e barbaramente assassinado pelas autoridades coloniais a 3 de Fevereiro de 1969.

Minhas Senhoras e Meus Senhores!

Ao celebrarmos os 45 anos da nossa Independência, é imperioso revisitar os movimentos do nosso longo e sinuoso percurso, como Nação Independente.

Há quatro décadas e meia, herdamos um país pilhado pelo colonialismo e devastado pela guerra colonial.

Não deve haver pressa em esquecer os malefícios do colonialismo para que não sejamos presas fáceis dos manipuladores de consciência que, a todo o custo, tentam branquear a nossa história presente.

A nossa acção desde então, mais do que substituir a bandeira colonial, procurou dar corpo à libertação da terra e dos homens, pois vejamos: na data da Independência, em 1975, o mundo enfrentava uma recessão profunda, causando a queda dos preços de produtos primários de exportação.

Nos meses seguintes, registámos a saída massiva de colonos e de mão de obra especializada, debilitando o sector empresarial e de serviços, como os portos e caminhos de ferro.

Registámos, ainda, a sabotagem económica, incluindo expedientes para transferir activos para o exterior e a redução, pelo regime racista da África do Sul, do número de moçambicanos a trabalhar naquele país.

Nos anos subsequentes, 1977 e 1978, fomos fustigados por inundações e secas em regiões de produção agrícola. É importante sublinhar que, nos últimos 20 anos, 20 ciclones de grande magnitude assolaram Moçambique, incluindo o IDAI e KENNETH.

A resposta nacional ao abandono das empresas foi a nacionalização destas, com o apoio técnico da cooperação internacional.

A partir de 1977, assistiu-se a um período de recuperação da indústria transformadora que, entre 1977 e 1981, cresceu em 18%, a uma taxa média anual de 8%.

Este sinal de recuperação económica foi interrompido com a guerra dos 16 anos e destruição de infra-estruturas económicas e sociais, como fábricas, armazéns, hospitais, escolas e edifícios públicos em todas as províncias do país, causando milhares de mortos e deixando muitas crianças órfãs. Esta situação ditou um

retrocesso económico de grande magnitude e uma desarticulação intersectorial da nossa economia.

Face a esta realidade, desenhamos iniciativas de longo prazo, como forma de romper o cerco em que nos encontrávamos, nomeadamente:

- i. A abertura para o mundo, celebrando acordos bilaterais com diferentes países;
- ii. A adesão ao Banco Mundial e ao Fundo Monetário Internacional em 1984; e
- iii. A assinatura do Acordo de N'komati com a África do Sul, no mesmo ano.

Em 1987, o País introduziu o Programa de Reabilitação Económica (PRE), tendo como pilar o processo de libertação da economia do controlo do Estado.

Como corolário destas acções, entre 1994 e 1998, foi notória a atracção de mega projectos para o país, tais como a Mozal, o Projecto de Gás de Pande e Temane, além de parcerias público-privadas em infra-estruturas.

Seguiram-se outros projectos estruturantes, como os de carvão em Tete; areias pesadas em Moma; a reversão da HCB para a gestão do Estado moçambicano; geração de energia a partir do gás e energia renovável; construção de novas pontes e estradas; expansão e construção de novos aeroportos; expansão da rede de telecomunicações e instalação de grandes unidades hoteleiras.

Assistimos ainda à criação de Reservas Especiais; a expansão da produção e de infra-estruturas agrícolas; a modernização e novos investimentos no sector industrial; a expansão e modernização dos serviços financeiros; investimentos que buscam eficiência na logística ferro-portuária e os projectos de gás natural liquefeito na Bacia do Rovuma.

Como resultado dessas acções, registámos muitos progressos, em benefício do Povo Moçambicano. A título de exemplo: em 1975, com cerca de 10.6 milhões de habitantes, a taxa de analfabetismo no país era de 93%, isto é, apenas 7% da população moçambicana sabia ler e escrever.

Hoje, volvidos 45 anos e com uma população de aproximadamente 30 milhões, conseguimos reduzir a taxa de analfabetismo para 39%.

A Universidade Eduardo Mondlane, a mais antiga do país, no ano da Independência tinha apenas cerca de 40 estudantes moçambicanos dos 2.433 matriculados, ou seja, os moçambicanos constituíam apenas 1.6% dos estudantes e não havia nenhum docente moçambicano.

Entre 1975 e 2018, a Universidade Eduardo Mondlane graduou um total de 27.169 estudantes. Na altura da Independência, tínhamos uma única instituição de ensino superior e hoje temos 53 instituições com 239.602 estudantes matriculados.

Em 1975, no ensino primário público, Moçambique tinha 671.617 alunos da 1ª a 5ª Classe e 20.427 alunos da 6ª a 7ª classe. No Ensino Secundário Geral do Primeiro Ciclo tínhamos 4.597 alunos e 1.330, no Segundo Ciclo.

Já em 2019 o país tinha, só no ensino público, 6.808.327 alunos nas escolas do EP1 e EP2 e 1.135.636 nas escolas secundárias públicas gerais do Ensino Secundário do Primeiro e Segundo Ciclos.

Este movimento foi acompanhado também pelo aumento do número de professores.

Nessa altura, o país tinha apenas 171 médicos, e hoje temos 2.556 médicos no Sistema Nacional de Saúde, dos quais 99% são de nacionalidade moçambicana.

Hoje, o nosso Sistema Nacional de Saúde conta com 8.180 enfermeiros e 6.175 enfermeiras de saúde materno-infantil, enquanto em 1980, tínhamos 2.613 enfermeiros e apenas 457 enfermeiras de saúde materno-infantil.

Em 1975, a taxa de cobertura de consultas pré-natais era de 47% e hoje é de 115%. A cobertura dos partos institucionais passou de 29% para 85%.

Com as campanhas nacionais de imunização, bem como a formação de pessoal especializado, conseguimos reduzir a mortalidade infantil para 67,4% em 2020.

A nossa esperança de vida subiu de 41 anos, em 1975, para um pouco mais de 60 anos, actualmente.

A agricultura foi um dos sectores que mais cresceu, sendo o que tem maior peso no Produto Interno Bruto (PIB). Fazendo uma comparação entre a campanha de 1976/1977 e a campanha de 2019/2020, constatamos que a produção do arroz, por exemplo, que em 1977, atingiu a cifra de 110.000 toneladas, quadruplicou para 440.000 na recente campanha.

Na mesma ordem: o milho aumentou de 680.000 toneladas para 2.230.000 toneladas; a mandioca variou de 3.800.000 toneladas para 16.000.000 de toneladas; a banana cresceu em volume de 40.000 toneladas para 480.000 toneladas, passando a constar como um dos principais produtos agrícolas de exportação.

No que diz respeito ao abastecimento de água, a população com acesso à água canalizada passou de 4% em 1975, para 62% em 2019.

Quando declaramos a Independência, apenas 620 mil pessoas tinham acesso à água potável. Hoje, 18.3 milhões de pessoas, tem acesso a este líquido vital.

Com a asfaltagem de 5.930 Km de estradas, a rede classificada de estradas evoluiu em 2.154 Km, passando a ter uma extensão de 8.084 Km de estradas revestidas, cobrindo 26% do país.

O forte crescimento de infra-estruturas de geração de energia ditou que o acesso de energia passasse de 27% em 2017, para 32% em 2019. O número de clientes domésticos passou de 135.112, em 1995, para 1.877.637 em 2019.

Compatriotas!

No conjunto de desafios que condicionaram a edificação da Nação Moçambicana de progresso e bem-estar, destacamos os conflitos incitados pela conjuntura da guerra fria no mundo, as agressões de regimes minoritários da África Austral e o

conflito armado de 16 anos, que dilaceraram o tecido humano, social e económico, com consequências inestimáveis.

No entanto, como irmãos e guiados pelo espírito de diálogo em diferentes etapas e momentos, dando continuidade aos ciclos que nos antecederam, fomos capazes de colocar um ponto final a esta página negra da nossa história, inaugurando um novo capítulo de paz, harmonia e concórdia no nosso País.

Esta é a concretização do compromisso que assumimos perante vós, de dialogar com todas as forças vivas da sociedade e trabalhar para o alcance e manutenção da paz.

Com a paz, trilhamos pelos caminhos da reconciliação nacional e normalização da vida da nossa grande família moçambicana, apostando na retoma do desenvolvimento nacional e na busca do bem-estar social e inclusivo. Mostrámos que não há barreiras intransponíveis, quando colocamos os interesses do Povo e da Nação moçambicana acima das nossas diferenças.

É neste quadro que alcançámos consensos, com a Renamo relativamente aos assuntos de descentralização e questões militares, o que culminou com a revisão pontual da Constituição da República e aprovação do pacote legislativo de governação descentralizada a nível de província.

O novo figurino de administração descentralizada, representa uma mudança fundamental na história da nossa administração pública, que deve ser aperfeiçoada e consolidada em todas as etapas.

Herdeiros de uma administração pública colonial centralizada, constatámos logo após a Independência que a excessiva centralização legada, dificultava, cada vez mais, a execução das nossas políticas de desenvolvimento.

O novo paradigma de governação descentralizada assenta na firme convicção de que a descentralização é o melhor caminho para aprofundar a democracia, promover a inclusão, a transparência, a cultura de prestação de contas e levar a tomada de decisões para perto do povo.

Na senda dos consensos em torno das questões militares, assinámos com a Renamo, o Acordo de Cessação Definitiva das Hostilidades Militares e o Acordo de Paz e Reconciliação nos dias 1 e 6 de Agosto de 2019, instrumentos para viabilizar o Desarmamento, Desmobilização e Reintegração (DDR) dos elementos residuais da Renamo.

Foi assim que a 5 de Junho de 2020, testemunhámos, em Savane, Província de Sofala, o Desarmamento e Desmobilização para subsequente Reintegração, até aqui, de mais de trezentos antigos guerrilheiros da Renamo, num processo que deverá abranger mais de cinco mil elementos, cujo fim se prevê para Junho de 2021.

É esperança de todos os moçambicanos que o processo ocorra num ambiente de muita honestidade, confiança, seriedade e celeridade.

Ao mesmo tempo, apelamos ao acolhimento condigno destes nossos compatriotas, que regressam às suas famílias, dando o apoio necessário no processo da reintegração nas suas comunidades.

O nosso compromisso inabalável com o diálogo, paz, reconciliação e aprofundamento da democracia, decorre da convicção cimentada nas aspirações dos moçambicanos pelo desenvolvimento e bem-estar.

Decorre, igualmente, da consciência de que a paz propicia o desenvolvimento e o bem-estar, condições imprescindíveis para a construção do progresso que almejamos.

Tomamos esta ocasião para reiterar o nosso total compromisso com a paz e prometer aos moçambicanos que tudo faremos para garantir o cumprimento integral dos acordos celebrados. Para tal, apelamos à colaboração de todas as forças da sociedade.

Minhas Senhoras e Meus Senhores!

A paz pela qual nos temos vindo a bater, está hoje novamente ameaçada. Enquanto celebramos, terroristas protagonizam actos de violência armada em alguns distritos da Província de Cabo Delgado.

Estes actos, hediondos e injustificados, procuram inviabilizar as conquistas da nossa Independência e travar a nossa marcha rumo ao desenvolvimento económico, conducente à melhoria das condições de vida e bem-estar do nosso povo.

Na região Centro do país, particularmente, nas províncias de Manica e Sofala, indivíduos que se identificam com a chamada Junta Militar da Renamo, encorajados por alguns moçambicanos, procuram fazer retroceder os frutos da paz, decorrente do Acordo de Paz e Reconciliação entre o Governo e a Renamo.

Perante estas investidas dos inimigos da nossa independência e do nosso progresso, as nossas Forças de Defesa e Segurança continuam a dar o melhor de si nos teatros operacionais norte e centro, por isso curvamo-nos à sua bravura e heroicidade.

Queremos, aqui, agora e mais uma vez, assegurar-lhes o nosso firme apoio, como governo.

Apelamos à população no sentido de continuar a colaborar com as autoridades, denunciando os terroristas e homens armados para a sua neutralização.

Tal como no passado, os moçambicanos jamais permitirão que o seu país, produto de sacrifício e sangue derramado, seja usado como tábua para a satisfação de interesses obscuros e alheios.

Hoje, como ontem, sejamos vigilantes contra as novas tentativas de intimidar o nosso povo, usando o terror gratuito e o ataque à nossa unidade como um povo.

Será, de novo, a nossa determinação em rechazar a agressão terrorista que nos é movida.

Caros Compatriotas!

Durante a luta armada de libertação nacional, muitos compatriotas entregaram-se à libertação deste País.

Ao longo destes 45 anos da nossa existência como Nação livre e independente, despontam todos os dias novos compatriotas que se distinguem entre outros, nas diferentes esferas da vida política, económica e sócio-cultural.

É neste sentido que, por ocasião da celebração deste Aniversário da nossa Independência, decidimos condecorar 175 homens e mulheres, dos quais, 165 com a “*Medalha Veterano da Luta de Libertação de Moçambique*”, em actos que tem lugar nesta Praça dos heróis e em todas as capitais provinciais do nosso país.

A distinção destes nossos compatriotas é feita em reconhecimento dos actos meritórios e excepcionais que contribuíram para a libertação nacional, para o aumento da produção, se notificaram nas artes, desenvolvimento e funcionamento do Estado moçambicano.

Estes compatriotas que nos honram com os seus feitos, merecem o nosso maior reconhecimento.

As insígnias que hoje lhes são colocadas simbolizam a forma singela que a Pátria encontrou para manifestar a gratidão pela sua dedicação e abnegação.

Minhas Senhoras e Meus Senhores!

Na nossa investidura para o segundo mandato, em Janeiro deste ano, prometemos aos moçambicanos que a nossa **agenda é desenvolver Moçambique**.

O nosso foco continuará orientado para o aumento da produção e da produtividade em todos os sectores, através do trabalho.

Neste dia carregado de grande significado para todos nós, queremos endereçar uma saudação especial a todos os compatriotas, no país e na diáspora, que mesmo nestes momentos difíceis que atravessamos, se entregam, com zelo e dedicação, na construção da nossa Pátria.

Aos países amigos, organizações e personalidades que, desde a primeira hora da nossa luta pela autodeterminação, estenderam o seu apoio ao Povo Moçambicano e aqueles que, desde os primórdios da nossa Independência, de diversas formas, apoiam a construção do nosso sonho por uma Nação forte e desenvolvida, exprimimos a nossa eterna gratidão.

Reconhecemos que o caminho ainda é longo, mas com a nossa grande arma que é a Unidade Nacional, Paz e Comunhão de destino, o futuro próspero dos Moçambicanos será garantido.

A data é uma oportunidade para fazermos uma reflexão com vista a determinarmos donde viemos, o que fizemos nestes 45 anos e como pretendemos caminhar para o futuro.

Grandes momentos nascem de grandes oportunidades; devemos manter nossas cabeças, corações e mãos unidos para alcançar o nosso destino.

As palavras do nosso Hino Nacional fornecem uma mensagem intemporal que devem servir de elemento de coesão, unindo-nos como nação: ***"Pedra-a-pedra construindo um novo dia; nenhum tirano nos irá escravizar."***

Renovamos os nossos votos de felicitação aos homens e mulheres hoje condecorados pelos feitos alcançados em prol da Pátria Moçambicana.

Concluo, saudando aos jovens que se encontram nas fileiras das Forças de Defesa e Segurança, do Rovuma ao Maputo e do Zumbo ao Índico, em particular aos que, com bravura e sacrifício, se encontram na linha da frente.

O Povo moçambicano está convosco, o povo moçambicano agradece.

Viva o quadragésimo quinto Aniversário da Independência Nacional!

Viva a Unidade Nacional!

Viva a Paz!

MUITO OBRIGADO!